



DACEC

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 20/03/2020 a 26/03/2020

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹
Jaciele Moreira²**

¹ Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

² Analista do Laboratório de Economia da UNIJUI, Bacharel em economia pela UNIJUI, Tecnóloga em Processos Gerenciais – UNIJUI, Pós-graduada do MBA – Finanças e Mercados de Capitais – UNIJUI e Bacharel em – Administração UNIJUI.

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
20/03/2020	8,62	325,20	25,64	5,39	3,43
23/03/2020	8,84	333,60	26,14	5,62	3,43
24/03/2020	8,86	332,10	26,55	5,61	3,47
25/03/2020	8,81	320,70	26,64	5,80	3,48
26/03/2020	8,80	322,90	26,50	5,69	3,48
Média	8,79	326,90	26,29	5,62	3,46

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos
Libra peso = 0,45359 quilo

bushel de milho = 25,40 quilos
tonelada curta = 907,18 quilos

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

Médias semanais (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA	Média*	Var. % relação valor anterior
RS - Passo Fundo	95,50	ND
RS - Santa Rosa	95,00	ND
RS - Ijuí	95,00	ND
PR - Cascavel	92,50	ND
MT - Rondonópolis	84,00	ND
MS - Ponta Porã	85,00	ND
GO - Rio Verde (CIF)	87,00	ND
BA - Barreiras (CIF)	87,00	ND
MILHO		
Argentina (FOB)**	168,00	ND
Paraguai (FOB)**	137,50	ND
Paraguai (CIF)**	177,50	ND
RS - Erechim	51,50	ND
SC - Chapecó	51,50	ND
PR - Cascavel	50,00	ND
PR - Maringá	49,00	ND
MT - Rondonópolis	46,00	ND
MS - Dourados	44,00	ND
SP - Mogiana	60,00	ND
SP - Campinas (CIF)	62,00	ND
GO - Goiânia	50,00	ND
MG - Uberlândia	53,00	ND
TRIGO (***)		
RS - Carazinho	950,00	ND
RS - Santa Rosa	950,00	ND
PR - Maringá	1.150,00	ND
PR - Cascavel	1.100,00	ND

Período: 25/03/2020

ND = Não Disponível.

(*) Valor de compra.

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. ** Preço

médio em US\$/tonelada. *** Em reais por tonelada

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 26/03/2020

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	44,72	88,52	44,90

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 26/03/2020

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	49,44
Feijão (saco 60 Kg)	150,00
Sorgo (saco 60 Kg)	35,40
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,86
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	1,32**
Boi gordo (Kg vivo)*	6,63

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Ref. Março/20 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja se recuperaram durante esta semana de quarentena geral devido ao coronavírus Covid-19. O bushel do produto, em Chicago, chegou a bater em US\$ 8,86 para o primeiro mês cotado, voltando aos níveis do início do mês. O fechamento desta quinta-feira (26) ficou em US\$ 8,80, contra US\$ 8,43/bushel uma semana antes.

As altas iniciaram devido a ajustes técnicos em função das cotações terem caído muito anteriormente. Ao mesmo tempo, somou-se a paralisação da Argentina, maior exportador mundial de farelo de soja. Com isso, a tonelada curta do farelo em Chicago disparou para US\$ 333,60 no dia 23/03, preço que não se via desde o início de agosto de 2018. O óleo, que vinha caindo fortemente, também se recuperou, subindo 4,6% entre os dias 19 e 25 de março.

De fato, o esmagamento na Argentina encontra problemas, pela redução no abastecimento das indústrias esmagadoras locais, devido a paralisia do país em função do coronavírus, sendo que muitas indústrias estariam recebendo apenas metade dos grãos necessários. (cf. Safras & Mercado)

Além disso, o petróleo subiu um pouco no mercado mundial, puxando as demais commodities.

Por outro lado, as exportações líquidas estadunidenses de soja, para o ano 2019/20, iniciado em 1º de setembro, somaram 631.600 toneladas na semana encerrada em 12/03. Isso representa 71% acima da média das últimas quatro semanas. Para 2020/21 foram mais 69.600 toneladas. A soma destes dois volumes ficou no limite superior da expectativa do mercado.

Já as inspeções de exportação de soja nos EUA somaram a 570.642 toneladas na semana encerrada em 19/03, ficando um pouco acima do esperado pelo mercado. No acumulado do ano, iniciado em 1º de setembro, o volume chegou a 31,2 milhões de toneladas, contra 28,6 milhões de toneladas no mesmo período do ano anterior.

Enfim, o mercado espera com expectativa os relatórios de intenção de plantio e dos estoques trimestrais na posição de 1º de março, previstos para o dia 31/03. As cotações entrarão em um novo patamar, provavelmente, após o anúncio. Tal patamar, se a intenção de plantio indicar aumento importante de área, pode ser um novo recuo nas cotações. Fala-se em 34 milhões de hectares a serem semeados nos EUA neste ano.

No Brasil, com o câmbio se mantendo acima dos R\$ 5,00 por dólar durante a semana, e a alta em Chicago, os preços voltaram a subir. Assim, o saco de soja no balcão gaúcho bateu, na média da semana, em R\$ 88,52, enquanto os lotes giraram entre R\$ 95,00 a R\$ 95,50/saco. Nas demais praças nacionais, os lotes oscilaram entre R\$ 80,00/saco em Sinop e Campo Novo do Parecis (MT) e R\$ 96,00 em Campos Novos (SC), passando por R\$ 93,00 no centro e norte do Paraná; R\$ 80,50 em São Gabriel (MS); R\$ 85,00 em Goiatuba (GO); R\$ 85,00 em Pedro Afonso (TO) e R\$ 87,00 em Uruçuí (PI).

Os prêmios se mantiveram estáveis no Brasil, terminando a semana entre US\$ 0,35 e US\$ 0,64/bushel.

Enfim, a colheita de soja no Brasil, até o dia 20/03, chegou a 68% do total da área, estando no mesmo nível do ano passado e contra 65% da média histórica. No Rio Grande do Sul a colheita atingia a 19%, contra 14% na média; no Mato Grosso a colheita estava praticamente encerrada; no Paraná atingia 80%, contra 75% na média; e Goiás chegava a 84%, estando dentro da média histórica. (cf. Safras & Mercado) No Rio Grande do Sul a quebra de safra só aumenta, com o Estado completando um mês sem praticamente nenhuma chuva, afora a situação complicada em muitas regiões que já vem desde a segunda quinzena de dezembro passado. Além da quebra, a qualidade do que está sendo colhido, de forma geral, é ruim, com o grão com pouco peso. Nestas condições, em relação ao esperado, o Estado gaúcho terá uma perda de 9,5 milhões de toneladas. A mesma leva a crer que a safra brasileira, portanto, ficará entre 116,5 e 118,5 milhões de toneladas e não mais nos 126 milhões ultimamente estimados.

Assim, enquanto durar a pandemia, e o câmbio permanecer no Brasil neste patamar, o mercado continuará com preços firmes. Porém, por volta de meados do ano, talvez antes, este cenário deve mudar, com a situação geral voltando ao normal, fato que deve puxar os preços para baixo. Especialmente se nos EUA a safra de verão encontrar clima favorável.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago pouco se alteraram durante a semana, fechando a quinta-feira (26) em US\$ 3,48/bushel, contra US\$ 3,45 na semana passada.

As exportações de milho pelos EUA voltaram a não entusiasmar o mercado, ficando em 904.500 toneladas na semana anterior. Mesmo assim, o mercado foi favorecido parcialmente pelas altas no mercado do trigo devido ao fechamento, por 20 dias, de dois portos de embarque argentinos.

Todavia, notícias de que indústrias de etanol de milho nos EUA paralisam suas atividades por 30 dias devido a pandemia do coronavírus esfriou qualquer novo entusiasmo de alta nos preços.

Assim, o mercado espera o resultado dos relatórios de oferta e demanda do USDA, agora no próximo dia 31/03, especialmente a intenção de plantio. Há uma projeção de área a ser semeada com milho em 37,2 milhões de hectares e em soja ao redor de 34 milhões de hectares.

Se esta área se confirmar nos EUA, o mercado entrará em fase baixista a partir de abril, dependendo do clima que ocorrer naquele país.

Com a Argentina parcialmente fora do mercado pelo fechamento de suas fronteiras temporariamente, o milho dos EUA e do Brasil deve ganhar espaço maior no cenário mundial. Todavia, em Chicago isso ainda não está ajudando muito as cotações do cereal.

Por outro lado, notícias vindas da China, no início da tarde desta quinta-feira (26), deram conta de que o país estava fechando suas fronteiras por algum tempo devido ao recrudescimento do coronavírus, agora trazido pelos viajantes que ali chegam do exterior. Isso freia novamente o mercado em geral.

E a parcial recuperação dos preços do petróleo, neste contexto geral, não melhorou as margens das indústrias de etanol nos EUA, surtindo pouco efeito favorável sobre as cotações do milho.

Enfim, o mercado acabou achando sustentação nos atuais níveis graças ao anúncio de socorro financeiro feito pelo governo dos EUA, à economia local, na altura de US\$ 2 trilhões para conter os estragos econômicos provocados pela pandemia do coronavírus. Aliás, esta pandemia mantém o dólar forte, retirando competitividade de exportação para o milho estadunidense.

Na Argentina, a tonelada FOB de milho ficou em US\$ 168,00, enquanto no Paraguai a mesma se estabeleceu em US\$ 137,50 no encerramento da semana.

Aqui no Brasil, os preços se mantiveram estáveis, porém, nos limites de alta. A média gaúcha no balcão fechou a semana em R\$ 44,72/saco, enquanto os lotes se mantiveram em R\$ 51,50/saco no norte do Estado. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 60,00/saco na Mogiana paulista e R\$ 42,00/saco em municípios do Nortão do Mato Grosso, passando por R\$ 55,00 em Alfenas (MG) e R\$ 52,00/saco em Videira e Concórdia (SC).

O mercado se preocupa cada vez mais com a pouca chuva no Sudeste brasileiro, o que atinge a safrinha local. Com a paralisação em grande parte das empresas, devido ao coronavírus, a pressão sobre os preços, no consumo, diminuiu um pouco, embora não se possa parar de alimentar os animais com a ração. Entretanto, com o menor consumo de carnes e derivados, devido a quarentena, fato que aumenta os estoques, prevê-se para o segundo semestre uma redução na oferta de animais para abate, podendo ocorrer um recuo na demanda industrial de milho.

Quanto ao impasse entre o mercado físico e a BM&F em relação aos preços do milho para maio, continua-se considerando que a Bolsa está fora de contexto, diante da atual realidade de escassez de oferta em São Paulo e impossibilidade de repor isso até junho pelo menos. Tanto é verdade que o produto físico em Campinas continuou cotado entre R\$ 62,00 e R\$ 63,00/saco no CIF. (cf. Safras & Mercado)

Dito isso, a colheita da safra de verão no Centro-Sul brasileiro, até o dia 20/03, chegava a 52% do total, contra 55% na média histórica. O Rio Grande do Sul havia colhido, até aquela data, 78% do total, ficando praticamente dentro da média histórica. Entretanto, a quebra de safra neste Estado deve beirar igualmente os 50% devido a seca. Já o plantio da safrinha no Centro-Sul brasileiro alcançava a 90% da área esperada, no dia 20/03, contra 98% na média histórica e 100% no ano passado nesta data. (cf. Safras & Mercado)

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago subiram bem nesta semana, chegando a bater em US\$ 5,80/bushel no dia 25/03. Entretanto, na quinta-feira (26) houve expressivo recuo, com o fechamento ficando em US\$ 5,69/bushel. Mesmo assim, bem acima dos US\$ 5,35 do fechamento da semana anterior e, sobretudo, do ponto mínimo atingido durante o mês que foi de US\$ 4,98/bushel no dia 16/03.

A elevação nas cotações se deve a ajustes técnicos e a uma melhora no consumo do produto estadunidense, especialmente no mercado interno local. Neste último caso, a tendência de aumento no consumo de alimentos durante a pandemia, mas também depois que a situação voltar ao normal e a população puder retornar ao pleno consumo, pode manter as cotações elevadas em Chicago.

Já as exportações não estão positivas, com as vendas líquidas, na semana encerrada em 12/03, ficando em apenas 338.300 toneladas, ou seja, 21% abaixo da média das quatro semanas anteriores. As inspeções de exportação, por sua vez, bateram em 349.369 toneladas na semana encerrada em 19/03, ficando abaixo do previsto pelo mercado.

Todavia, este aspecto acabou sendo absorvido pelo anúncio de medidas econômicas nos EUA, com o governo local liberando US\$ 2 trilhões para fazer frente aos efeitos econômicos do coronavírus.

Ao mesmo tempo, o mercado espera igualmente os relatórios do USDA previstos para o dia 31/03.

Na Argentina, com os portos fechados, o preço FOB oficial chegou a US\$ 245,00/tonelada para entrega em março. Ao câmbio atual, a tonelada chegaria aos moinhos paulistas a R\$ 1.350,00 e em Curitiba a R\$ 1.260,00. Portanto, continua existindo espaço para o trigo nacional subir ainda mais de preço. Para novembro, a tonelada FOB na Argentina está prevista em US\$ 211,00.

Ainda no Mercosul, nos outros países membros, a tonelada FOB de trigo está entre US\$ 215,00 e US\$ 220,00 na venda.

E no Brasil, os preços do trigo de qualidade superior se mantêm firmes. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 44,90/saco, enquanto os lotes subiram para R\$ 57,00. No Paraná, o balcão girou entre R\$ 52,00 e R\$ 55,00/saco, enquanto os lotes subiram para valores entre R\$ 66,00 e R\$ 69,00/saco. Já em Santa Catarina, o balcão ficou entre R\$ 47,00 e R\$ 48,00/saco, enquanto os lotes atingiram, na região de Campos Novos, o valor de R\$ 58,80/saco.

A tendência na Argentina é de recuo nos preços locais do trigo, enquanto durar o fechamento dos portos, porém, a forte desvalorização do Real, hoje ainda acima dos R\$ 5,00 por dólar, continua mantendo muito caro o produto importado.

Vale ainda destacar que a disponibilidade de trigo, tanto no Brasil quanto na Argentina, é pequena na atualidade, fato que colocará os moinhos brasileiros, que começam a retornar às compras neste final de março, em dificuldades. Com isso, os preços

internos do trigo podem subir um pouco mais nas próximas semanas. Deve-se contar para isso, igualmente, com o aumento na demanda interna pela farinha e derivados diante da quarentena do coronavírus.

Em síntese, o viés continua sendo de alta para os preços do trigo no Brasil, fato que deve estimular o plantio da nova safra, desde que os efeitos do coronavírus o permitam. Isso fica ainda mais evidente se o câmbio continuar nestes níveis estratosféricos destes últimos dias, o que não parece ser a tendência quando a situação voltar ao normal. No geral, os moinhos estão preocupados com as dificuldades na aquisição de trigo no momento, além dos problemas logísticos decorrentes da entrada da safra de verão e do coronavírus.